



CORAGEM PARA SUPORTAR: ENSAIO SOBRE O IMPACTO DO CRISTIANISMO, DO COLONIALISMO E DO IMPERIALISMO NA CONSTRUÇÃO DE INDIVÍDUOS

COURAGE TO BEAR: ESSAY ON THE IMPACT OF CHRISTIANITY, COLONIALISM AND IMPERIALISM ON THE CONSTRUCTION OF INDIVIDUALS

*Gabriel Luz Siqueira de Aquino Vieira

Recebido em: 12/02/2021

Aceito em: 19/08/2021

Resumo

Neste ensaio, tece-se algumas considerações sobre a influência do cristianismo, do colonialismo e do imperialismo na composição do indivíduo, mais especificamente de como a religião, aqui, o cristianismo, o poder colonial e a publicidade irão afetar a construção desse ser. Frisa-se, por um lado, a relação que o imperialismo guarda com a conceituação do individualismo moderno cristão, e, por outro, o modo como esses 3 eixos ditam a construção de projetos dos indivíduos submetidos a ele.

PALAVRAS-CHAVE: imperialismo; colonialismo; religião; indivíduo; sociedade.

Abstract

In this essay, some considerations are made about christianity, colonialism and imperialism in the composition of the individual, more specifically how religion (christianity), colonial power and publicity will affect the composition. It emphasizes, on the one hand, the relationship that imperialism has with the conceptualization of modern Christian individualism, and, on the other, the way in which these 3 axes dictate the construction of projects from those developing to it.

KEY WORDS: imperialism; colonialism; religion; individual; society.

1 Introdução

A análise de como uma sociedade é influenciada por outras é de extrema importância quando pensamos na construção do indivíduo como agente social na sociedade. No caso deste trabalho, o que se diz a respeito sobre a influência da religião, do poder colonial e da publicidade na construção de indivíduos. E assim, trabalhando com esses três eixos, nos posmos em condições de esboçar uma análise dos impactos dessa relação histórica no indivíduo

e como a sua construção irá ocorrer. Pensando, nesta ocasião, principalmente em como todas essas influências irão atuar na sua noção de “eu”.

A noção de “eu” por muito tempo foi considerada inata ao indivíduo. O antropólogo Marcel Mauss (2017), com seu texto Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a de “eu”, vai contra esse pensamento. Nessa obra ele aborda várias sociedades durante a história, com



o fim de criar uma linha histórico-social sobre o tema. Inspirado por Mauss, pretendo fazer algo similar neste ensaio e seguir uma linha histórico-social e junto a isso, também quero suscitar ao leitor a pensar como a herança dessas categorias afetam ou podem vir a afetar o indivíduo ao longo do tempo. É de extrema importância pontuar que não existe algo como um indivíduo universal, meu enfoque, aqui, é como o cristianismo vai afetar indivíduos brancos e ocidentais, como o colonialismo irá afetar indivíduos de sociedades colonizadas.

Dessa forma, pretendo utilizar de vários autores para construir meu pensamento, de exemplos posso dar o antropólogo francês Louis Dumont (1985) e o sociólogo alemão Max Weber (2004) que são de grande relevância para analisarmos a influência da religião cristã sobre a sociedade ocidental e sua história sócio-cultural, e como, além de ajudar a constituir uma noção de “eu”, como esse indivíduo irá se relacionar com a figura de Deus, de Jesus Cristo. Para as especificidades sobre o impacto do poder colonial, utilizarei de Valentin-Yves Mudimbe que, em seu livro *A invenção da África: Gnose, filosofia e a ordem do conhecimento* (2019), trata sobre as implicações do colonialismo e como as mesmas agem na construção do ser colonizado, junto com Fanon (2008), Césaire (1978), Gonzalez (2018) e Grosfoguel (2016), que, com seus estudos, fizeram excelentes contribuições para percebermos todo o impacto do poder colonial sobre os indivíduos.

Como fim de tratar sobre publicidade e imperialismo, pretendo trazer autores como Lênin (2013[1917]) e Gramsci (BOTTOMORE, 2013) para trabalharmos o que é imperialismo e hegemonia, enquanto que com Raymond Williams (2011), Alfred Gell (1988), William John

Thomas Mitchell (2015) e John Berger (1975, 2013) pretendo abordar o potencial da imagem, da publicidade e como elas conseguem não só vender objetos, mas também ideias, seus textos nos ajudam a refletir o seu impacto nas pessoas que podem vir a consumi-las.

Para finalizar, penso em dizer que este ensaio tem como objetivo inspirar outras obras sobre o tema, pois é um tema complexo e de grande importância e hoje em dia, precisamos cada vez mais perceber como as estruturas que nos cercam, nos constroem.

2 Cristianismo

Primeiramente, é necessário entender a conceituação do “eu”. Mauss (2017), em seu texto *Uma categoria do espírito humano*, trabalha a ideia de “eu”, que era tido como inato na época, mas é, na verdade, um conceito construído por toda a história sócio-cultural de uma sociedade e, dessa forma, o que ele trabalha é como essa categoria irá existir em outras sociedades e como que suas variações ocorrerão conforme o tempo (p. 387). Logo após, seus apontamentos mostram como em cada sociedade essa noção tem formas diferentes, como a pessoa cristã (ibid, p. 412 - 413), que iremos trabalhar a seguir, e, em contraste, na China, onde essa noção foi incorporada nas gerações familiares, de forma que “sua individualidade é o seu ming, o seu nome” (ibid p. 404). Podemos também citar de exemplo o texto *A construção da Pessoa nas sociedades indígenas brasileiras* de Anthony Seeger, Roberto da Matta e Eduardo Viveiros de Castro (1979) que utilizam desta obra de Mauss para sustentar que o corpo é fundamental para entender as formas sociais das sociedades indígenas sul-americanas.



Voltando a Mauss, é perceptível, no trecho de seu texto sobre essa noção de “eu”, que a noção Ocidental de indivíduo moderno seria extremamente influenciada pela ideia de pessoa cristã, que, tem como base, a noção de unidade em Cristo (MAUSS, 2017, p. 412 - 413). Além da pessoa ser garantida pelo Estado e pela hierarquia, como era desde o direito romano (ibid, p. 405), ela passa a ser ligada à imagem de Deus e a representar uma unidade com “Ele”. Assim, todos os indivíduos possuiriam a posição de pessoa ao terem sua ligação a Jesus Cristo firmada. Por causa da ideia de pessoa, construída pelo cristianismo, gerar-se-ia um problema, o de que, para alguém ser considerada “pessoa”, ela tem que fazer alguns sacrifícios. Essa ideia acaba por ser demarcada e reforçada pelo cristianismo, que conduz à crença de que nem todos são pessoas, e de que, para ser pessoa, é necessário passar pelos sacrifícios exigidos por Deus - estamos falando de pessoas brancas e ocidentais, visto que as pessoas negras não serão vistas como pessoas por muito tempo (CÉSAIRE, 1978; FANON, 2008).

Dumont (1985) explora ainda mais o lugar que o cristianismo e a Igreja Católica ocupam na construção do indivíduo moderno - lembrando que o indivíduo que estamos falando aqui é o branco e ocidental - quando ele traça uma relação entre, de um lado, a divindade dos primeiros católicos, os renunciantes indus e a razão filosófica dos estóicos, e de outro, o individualismo. Ele indica, em conclusão, que com isso surgirá o indivíduo-fora-do-mundo: um indivíduo em comunhão com Deus e uno com a razão; um indivíduo cujo Deus rege todas as coisas e que se submete à “Ele”. Tudo no mundo do ser humano, seus objetos, suas instituições sociais, será, para

esse indivíduo, moldado por Deus. Mas a alma, por outro lado, ainda irá transcender esses meros instrumentos, pois a alma do indivíduo que comete sacrifícios em nome de Deus é a mesma que irá para os céus.

Pensando na influência do cristianismo na constituição do indivíduo, temos que falar sobre Weber (2004) que, com o livro *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, propõe uma análise do indivíduo influenciado pelo protestantismo e aponta como o protestantismo ascético, principalmente o calvinismo, contribuiu de maneira central para a forma moderna do capitalismo. Dessa forma, a ética protestante foi um dos fatores que deu a gênese do espírito do capitalismo, de forma que o autor, utilizando do trabalho de Lutero, ao delimitar que o trabalho profissional era uma vocação divina, mostra como a base do espírito do capitalismo é a ideia da profissão como dever (ibid). Seu estudo vai além, de forma que ele elabora como as várias vertentes da religião cristã, mais especificamente as protestantes ascéticas, tem um Deus severo que provoca ansiedade no fiel para que ele se prove digno, a todo momento, de entrar nos céus. Essa divindade ama o trabalho, e os pecados seriam, em acordo com isso, pagos através do trabalho na terra (ibid).

Outrossim, um outro conceito extremamente relevante em Weber é o de desencantamento religioso. O desencantamento religioso foi um processo histórico que começou no judaísmo antigo e que atingiu seu ponto culminante no protestantismo ascético, esse movimento é contrário a qualquer meio mágico de obtenção da salvação, de forma que o único meio de salvação, seria o trabalho feito aqui na terra (ibid).

Por exemplo, um país onde o protestantismo



ascético é muito forte é os Estados Unidos, onde, apesar do enfraquecimento, estes ainda são maioria nesse país[1], e uma de suas correntes mais fortes é o Calvinismo, que chegou no país no século dezesseis[2]. Observando o calvinismo, é muito interessante vermos como ele muda a noção de individualismo cristão, pois foi o Calvinismo que trouxe o dogma da predestinação, onde é Deus que escolhe quem será salvo e quem será condenado, mas nem o fiel, nem ninguém, teria o conhecimento de como ele fez essa escolha, só existiria um indício de que você foi escolhido por Deus, e ela seria a riqueza (ibid).

Recapitulando, Mauss (2017) trabalha a noção de “eu” da pessoa cristã, onde nem todos seriam pessoas, só seriam pessoas - lembrando aqui que estamos falando de pessoas brancas e ocidentais - aqueles que cometessem sacrifícios. Dumont (1985) aprofunda e mostra como outra ideia é a do indivíduo-fora-do-mundo que seria essa pessoa que, ao aceitar Deus, se torna um com a razão - a razão cristã, pois é esse Deus que manda em todas as coisas. Weber (2004), ao estudar várias vertentes do protestantismo ascético, aborda como, em Lutero, o trabalho lícito era uma vocação, era uma forma de salvação - lembrando que esse fiel precisa provar em terra que merece entrar nos reinos dos céus.

A seguir, retornando a Dumont (1985), onde ele aborda que Calvino coloca novamente o indivíduo no mundo - existindo, assim, uma grande valorização do trabalho, como fonte de dignidade e de um valor individual que se sobrepõe a qualquer outro no mundo, o Calvinismo vai de encontro com uma ideia que não existe jeito mágico de ser salvo por Deus, o trabalho por si só não salva alguém, mas a prosperidade no trabalho

pode ser um indicativo de que o indivíduo é um dos escolhidos para ser salvo (WEBER, 2004). Dessa forma, e utilizando da conceituação de desencantamento religioso de Weber (ibid), o que acaba por ocorrer é uma mudança brusca na atitude religiosa, onde os padres não vão ser mais necessários para uma ligação com Jesus Cristo e o indivíduo vai conseguir se comunicar diretamente com a entidade - de agora em diante seriam as pessoas que fariam da igreja o que ela é.

Após essa reflexão sobre a noção de “eu” e o impacto do cristianismo na construção de indivíduos brancos e ocidentais, podemos ir para os próximos dois temas que quero tocar: como o colonialismo e como o imperialismo impactam os países que afetaram e a construção de projetos individuais e a subjetividade do indivíduo submetidos a este contexto, entendendo que essa instituição foi um ponto importantíssimo no processo de colonização.

3 Colonialismo e poder colonial

Neste tópico, tenho como objetivo abordar o colonialismo e, mais especificamente, a noção de poder colonial. Entretanto, em primeiro lugar, precisamos conceituar o que seria colonialismo. O colonialismo é quando um local não europeu é transformado em constructos europeus, cujo modelo ocidental acaba por reorganizar e dominar tais lugares (MUDIMBE, 2019, p. 18 e 21). Aprofundando mais esse ponto, podemos citar Mário de Andrade (1978), que no prefácio do livro *Discurso sobre o colonialismo* de Aimé Césaire, aponta que o colonialismo em sua essência é:

[...] um regime de exploração desenfreada de imensas

massas humanas que tem a sua origem na violência e que só se sustém pela violência, e o de uma forma moderna de pilhagem. Sendo o genocídio a lógica normal, o colonialismo é portador de racismo. E é nesta gigantesca catarsis colectiva que o colonialismo desciviliza simultaneamente o colonizador e o colonizado. (CÉSAIRE, 1978, p. 7).

Dessa forma, o que estamos observando é como o colonizador coloca a sua cultura, sua ciência, sua moral e sua religião como superiores, verdadeiras e universais (CÉSAIRE, 1978; GONZALEZ, 2018, p. 312; GROSGUÉL, 2016). Tal dominação será assegurada por vários setores da sociedade colonial (BALANDIER, 2014 apud TARDELLI, 2019), e o efeito de toda essa estrutura, será devastador no indivíduo colonizado, afinal, um dos pilares que constituem essa estrutura colonizadora é justamente a degradação das mentes de pessoas nativas (MUDIMBE, 2019). Esse ser humano será transformado em coisa, subjugado e desumanizado (CÉSAIRE, 1978; GONZALEZ, 2018; GROSGUÉL, 2016).

Entre o colonizador e colonizado, só há lugar para o trabalho forçado, a intimidação, a pressão, a polícia, o imposto, o roubo, a violação, as culturas obrigatórias, o desprezo, a desconfiança, a arrogância, a suficiência, a grosseria, as elites descerebradas, as massas aviltadas. Nenhum contacto humano, mas relações de dominação e de submissão que transformam o homem colonizador em criado, ajudante, comitê, chicote e homem indígena em instrumento de produção. É a minha vez de enunciar uma equação: colonização = coisificação. (CÉSAIRE, 1978, p. 25).

Por exemplo, a noção de pessoa na África não era única - existiam várias noções com suas complexidades (BÂ, 1981). Podemos pensar em como elas são diferentes

da pessoa cristã ao utilizar de Amadou Hampaté Bâ (1981), quando, em seu trabalho, ele trabalha com uma noção de pessoa que é dessa forma: “Quanto ao corpo do ser humano, a tradição o considera como um pequeno edifício, miniatura de dinya, o mundo, que, em si, é imensamente infinito. Daí a expressão “maa ye dinye meremin de ye” (O homem é o universo menor) (ibid, p. 5). Outro exemplo, é quando vemos esse choque ao abordarmos pessoas indígenas e o contraste com a ideia de pessoa cristã. Em uma entrevista, Ailton Krenak (MASSUELA; WEIS, 2019) disse: “O pensamento vazio dos brancos não consegue conviver com a ideia de viver à toa no mundo. Acham que o trabalho é a razão da existência deles.” Esses dois últimos exemplos abordados aqui vão de encontro com o que demonstramos no tópico anterior, de como o cristianismo utilizou do trabalho como um traço de quem era “pessoa” - lembrar de Lutero ao apontar o trabalho como uma vocação divina (WEBER, 2004). Também é de grande importância pensar, junto ao que trouxemos, como os apagamentos, a dominação branca, capitalista e do sistema ideológico dominante, infantiliza pessoas não brancas e mulheres brancas e, dessa maneira, também suprime as humanidades desses grupos de pessoas, de forma com que não tenhamos a capacidade de observá-los com tanta complexidade (GONZALEZ, 2018, p. 310).

Outrossim, o que acaba por ocorrer é um grande epistemicídio de várias sociedades e pensamentos, causado por colonizadores europeus que utilizam de sua ligação com Roma e Grécia como uma forma de criar uma - falsa - sustentação onde eles, de alguma forma, são possuidores da “razão”, assim, acabam por classificar as outras formas de pensar e trabalhar como atrasadas



e não-humanas (CÉSAIRE, 1978; GROSGUÉL, 2016). É de grande importância falar que toda a violência colonial utilizada é feita de forma consciente e tem como objetivo marginalizar outras sociedades e outras culturas (CÉSAIRE, 1978; EMMANUEL, 1969; BAIROCH, 1971 apud MUDIMBE, 1998). O impacto no indivíduo, colonizado, acaba por ser embutido da colonialidade, de forma que as pessoas a quem o pensamento atacou, são obrigadas a aceitá-lo (MUDIMBE, 2019; GROSGUÉL, 2016). O colonizador utilizou de seu poder colonial para sustentar essa - falsa - ideia de que possui uma superioridade em todos os aspectos. Uma forma de vermos isso é quando eles delimitam dicotomias - oral e escrito/ impresso, tradicional/moderno, et cetera - com a intenção de enganar as populações nativas e as fazerem acreditar que o colonizador - branco e europeu - detém algum conhecimento superior (MUDIMBE, 2019), a pessoa colonizada - negra - é colocada como a inferiorização do branco (FANON, 2008).

Além disso, essa dominação teve como fim fazer com que o indivíduo nativo daquela região pense que o seu país e o seu entorno são atrasados em relação ao colonizador, e de que seja ele - o possuidor do poder colonial - quem dite a régua da evolução, dite o que é avanço e os horizontes possíveis para as sociedades (ibid). Podemos ver isso nos estudos de Balandier, quando aponta que:

Na situação colonial, os grupos em contato podem ser divididos a partir da “sociedade colonial” (grupo dominante) e “sociedade colonizada” (grupo subjugado). Teríamos assim: a) a sociedade colonial, com exceção dos estrangeiros da raça branca; b) os “estrangeiros” da raça branca; c) os coloured (categoria inglesa utilizada para designar mestiços e estrangeiros de cor); d) a

sociedade colonizada, isto é, os “nativos”. Dispostos hierarquicamente, esses grupos são classificados a partir de critérios raciais e de nacionalidade, postulando “a excelência da raça branca, e, mais precisamente, desta fração – que é a nação colonizadora (a supremacia é dada como fundamentada na história e na natureza). (BALANDIER, 2014, p. 47 apud TARDELLI, 2019, p. 11).

Assim, fica explícito que, apesar de seu maior número de pessoas, as sociedades colonizadas eram uma minoria sociológica (TARDELLI, 2019). Outro autor que mostra as ações do poder colonial foi Frantz Fanon (2008) que, em seu livro *Pele Negra, Máscaras Brancas* abordou muito bem o tema ao fazer seus apontamentos de como a burguesia utiliza desse aparato para criar pares dialéticos, sendo, aqui, o branco e negro, de forma com que cada um irá ser imbuído de valores, como, por exemplo, o negro sendo a emoção e a pessoa branca sendo a razão [3].

Como bem aponta Lélia Gonzalez (1984), a pessoa branca brasileira também será construída pelo racismo, somos todos forjados no racismo, de forma com que a pessoa branca será vista e pensada como não racializada, enquanto o preto e o indígena seriam racializados. O próprio racismo vai ser escondido, pelo mito da democracia racial que vai construir essa ideia de que o país é um paraíso onde não existe racismo (ibid). Podemos observar isso quando Gonzalez (1984) fala sobre o conceito de neurose cultural brasileira, onde a sociedade brasileira pensa que é uma sociedade branca, quando na verdade na sua cultura existe grande influência afro e indígena, mas elas são escondidas (ibid).

4 Imperialismo e publicidade

Quero abordar aqui o termo “imperialismo” na linha em que Lênin (1917) o desenvolve em seu livro *Imperialismo: Fase Superior do capitalismo*. Neste texto, o conceito de imperialismo é apresentado como uma das fases do capitalismo, em que um país cria uma relação de parasitismo com países subdesenvolvidos, dos quais ele toma os recursos naturais com o intuito de produzir e vender de volta para eles a preço exorbitante, favorecendo uma alta concentração de produção, monopólios e o acirramento da luta de classes (ibid). Nos próximos parágrafos tratarei sobre conceitos que vão ampliar e aprofundar a discussão sobre o tema.

Um desses conceitos é o de hegemonia em Gramsci, crucial para a discussão do que é imperialismo. Em primeiro momento, ele utiliza desse conceito para falar sobre o grupo de alianças que seriam necessárias a classe trabalhadora fazer para acabar com o estado burguês (SILVA, 2010), e, após o fim do estado burguês, esse grupo de alianças que seria responsável por formar a base do estado gerido pelos trabalhadores (GRAMSCI, 1978, p.443 apud BOTTOMORE, 2013). Em outro momento, Gramsci utiliza do termo para falar sobre como a burguesia domina e mantém essa dominação (BOTTOMORE, 2013). De forma que, através de uma discussão sobre a Revolução Francesa e a Unificação Italiana e as formas de atuação da dominação burguesa na época, ele aponta que, nas condições modernas, uma classe não se mantém só utilizando da força, mas exercendo lideranças morais e intelectuais, e com um grupo forte e variado de aliados - o que o autor chama de bloco histórico (Portelli, 1978 apud BOTTOMORE, 2013). Assim, “a hegemonia de uma classe dominante é criada e recriada numa teia de

instituições, relações sociais e ideias.” (BOTTOMORE, 2013, p. 284).

Na frase citada anteriormente, uma palavra é de extrema importância para esse trabalho: instituições. O que quero trabalhar com esse conceito é como uma dessas instituições, a propaganda, será de grande influência na construção do indivíduo e como ela executa essa influência. Podemos citar, por exemplo, o estudo de Hirschman e Canclini (BATAN, 2004), que, ao pesquisar como o cidadão age e se transforma em consumidor - e vice-versa -, chegam ao ponto de que fatores externos e internos influenciam na constituição do mesmo, de forma que:

Esses pesquisadores apresentam esse movimento privado-público como resultado de fatores exógenos como a influência dos meios de comunicação de massa e da propaganda e fatores endógenos como a percepção e auto-percepção da frustração das expectativas individuais e da utilização do tempo. Fatores esses que, por sua vez, podem também ser influenciados pela propaganda e são passíveis da investigação. (BATAN, 2004, p. 3).

Alfred Gell (1988), em sua obra *Tecnologia e Magia* escreve que a magia não desapareceu na sociedade ocidental, ela se tornou mais variada e com uma dificuldade muito maior de ser constatada, mas, uma das formas já constatada é a publicidade. Ao analisar a magia e o seu uso nos dias atuais, chegamos na publicidade, e de como as imagens trabalhadas por ela tem grande semelhança com as imagens que a magia coloca em seus objetos. Além das imagens, podemos ver como a publicidade trabalha a magia de maneira a atrelar significados sociais e pessoais aos objetos que ela está fazendo propaganda (GELL, 1988; WILLIAMS, 2011, p. 252 - 253).

Dessa maneira, podemos observar essa magia



por meio de um exemplo clássico da publicidade propagandista - a imagem do cartaz do Uncle Sam (Tio Sam)[4], personagem-símbolo da primeira guerra mundial onde, além de utilizar do efeito medusa [5], a imagem quer conduzir o receptor para que ele se aliste e participe da guerra (MITCHELL, 2015). Tio Sam é o retrato do jovem patriota americano branco, afinal, observamos que suas roupas são das mesmas cores da bandeira estadunidense, ele não tem filhos e vê nessa juventude uma oportunidade de ganhar a guerra. (ibid).

Por conseguinte, podemos utilizar de Williams (2011, p. 252 - 253), quando aborda como não há forma de observar a publicidade sem pontuar que a venda não é composta só pelo objeto, mas também de qualidades que são atreladas aos mesmos. Por exemplo, as propagandas de cerveja, que, aqui, atrelam a bebida alcoólica a um ar jovial, a um vigor e de trabalhar uma certa concepção de que ela nos deixa mais alegres, mais livres para socializar e et cetera (ibid). Outro exemplo, é quando John Berger, no quarto episódio de sua série televisiva *Ways of Seeing* (Formas de ver, 1972) aborda que a publicidade apela a essa ideia de que podemos mudar nossa vida pelo consumo, de que temos que viver de uma certa maneira, ela sugere de que, se compramos o que ela está oferecendo, nossa vida inteira irá mudar, mas só se continuarmos sempre a reafirmando, pelo consumo (TW19751, 2013).

Em suma, o que trabalhamos neste tópico, é de como, a hegemonia burguesa utiliza da propaganda, da publicidade e de suas imagens para a construção do INDIVÍDUO - lembrando aqui que os indivíduos brancos, indígenas e negros não vão ser construídos da mesma forma, mas dispositivos como a propaganda vão

influenciar em sua constituição -, o vendendo não só objetos, mas itens que tem a si atrelados propriedades variadas e até utilizando dessa propaganda para o fazer tomar certas ações em vida, de forma que ao fazer parte do grupo que consome tal objeto, o indivíduo também possuirá as características atreladas ao mesmo (MITCHELL, 2015; BATAN, 2004; BOTTOMORE, 2013; WILLIAMS, 2011).

Sendo assim, além de pensar as questões de como a religião influencia a noção de “eu” utilizando do trabalho e de que há pessoas e não-pessoas (MAUSS, 2017; WEBER 2004), do colonialismo que, com suas violências com a população nativa de várias localidades, destruiu epistemologias e destruiu várias noções de “eu” para que o seu reino de pensamento reine (GROSGOUEL, 2016; BÂ, 1981), neste tópico chegamos a destacar como, hoje em dia, a propaganda cria ideias que influenciam o indivíduo para além de escolher produtos a se consumir, o influenciam a comprar objetos e ou aderir e apoiar ideias por causa das propriedades atreladas a elas (MITCHELL, 2015; BATAN, 2004; WILLIAMS, 2011).

5 Considerações finais

Vimos, ao longo deste trabalho, a construção do indivíduo no protestantismo, e como sua influência conseguiu, além de delimitar quem era pessoa e quem não era pessoa, denotar qualidades que o indivíduo deve ter para agradar Deus, ou simplesmente como um indício de que será salvo por ele (WEBER, 2004; DUMONT, 1985).

Ao abordar o colonialismo, trabalhamos o poder colonial e como ele causou danos gravíssimos na cultura e na história de várias sociedades. Vimos como foi implantada uma régua evolucionista, onde o colonizador



era objetivo final, e abordamos uma grande parte da subjugação da cultura, da religião e da moral de países nativos (MUDIMBE, 2019, p. 18; CÉSAIRE, 1978; GONZALEZ, 2018, p. 312; GROSGOUEL, 2016).

Seguindo, observamos como a burguesia e o imperialismo trabalham com a publicidade para impactar na construção do indivíduo. O uso da propaganda com a intenção de agregar qualidades a objetos, a venda dos mesmos e a ilusão de que essas qualidades também passam a quem consome esse objeto (WILLIAMS, 2011).

6 Notas

*Graduando(a) em Ciências Sociais na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

E-mail: gabrieluz_siqueira@hotmail.com

[1] ALVES, José Eustáquio Diniz. A redução das filiações cristãs e o aumento dos sem religião nos Estados Unidos. *Ecodebate*, 2020. Disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2020/05/08/a-reducao-das-filiacoes-cristas-e-o-aumento-dos-sem-religiao-nos-estados-unidos-artigo-de-jose-eustaquio-diniz-alves/>. Acesso em: 19 de dezembro de 2020.

[2] JUMPER, Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew. Primórdios reformados nos Estados Unidos. 2021. Disponível em: <https://cpaj.mackenzie.br/historia-da-igreja/movimento-reformado-calvinismo/historia-do-movimento-reformado/primordios-reformados-nos-estados-unidos/>. Acesso em: 19 de dezembro de 2020.

[3] Com bibliografia para um estudo mais aprofundado deste tema, ver: *Pele Negra, Máscaras Brancas* de Frantz

Fanon (2008); *Racismo Estrutural* de Silvio Almeida (2020). Também reforço as indicações feitas na nota de rodapé sobre cultura. No Brasil, Clóvis Moura trabalha, no seu texto *Escravidão, Colonialismo, Imperialismo e Racismo* (1983) como o racismo se desenvolve no país e o papel dos colonizadores nesta violência.

[4] WAR, The Price Of Freedom: Americans At. “I Want You” Poster. 2021. Disponível em: <https://amhistory.si.edu/militaryhistory/collection/object.asp?ID=548>. Acesso em: 2 ago. 2021.

[5] O efeito medusa é a ideia de que a imagem quer trocar de lugar com quem a observa, de forma que quando ela tem êxito em conseguir deixar o espectador parado, o observador se torna uma imagem, na visão da pintura (MITCHELL, 2015).

7 Referências

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. 5ª Edição. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

BÂ, Amadou Hampaté. **A noção de pessoa na África Negra**. Tradução para uso didático de: HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. La notion de personne en Afrique Noire. In: DIETERLEN, Germaine (ed.). La notion de personne en Afrique Noire. Paris: CNRS, 1981, p. 181 – 192, por Luiza Silva Porto Ramos e Kelvin Ferreira Medeiros.

BATAN, Marco Antonio. **De consumidor a cidadão. Um caso para a propaganda**. Disponível: <https://silo.tips/download/de-consumidor-a-cidadao-um-caso-para-a-propaganda-1-marco-antonio-batan-2-univer>. Acesso: em 28 de julho de 2021.

BOTTOMORE, Tom (ed.). **Hegemonia**. In: BOTTOMORE, Tom (ed.). *Dicionário do Pensamento Marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2013. p. 1-705. Disponível em: <https://>

edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2543654/mod_resource/content/2/Bottomore_dicionário_pensamento_marxista.pdf. Acesso em: 27 jul. 2021.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1978.

DUMONT, Louis. **O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna**. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

FANON, Frantz. **“A experiência vivida do negro”**. In: **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008. pp. 103-126.

GELL, Alfred. Technology and magic. Traduzido por Bruno Reinhardt. *Anthropology Today*, Londres, v. 4, p. 6-9, abr. 1988.

GONZALEZ, Lélia. **“Racismo e sexismo na cultura brasileira”**. In: **Revista Ciências Sociais** Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244.

GONZALEZ, Lélia. **“Por um feminismo afrolatinoamericano.”** In: **Primavera para as rosas negras**, São Paulo: UCPA Editora, 2018. p. 307-320.

GROSGUÉL, Ramón. **A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI**. Tradução por Fernanda Miguens, Maurício Barros de Castro e Rafael Maieiro. Revisão: Joaze Bernardino-Costa. *Revista Sociedade e Estado*, Brasília, Volume 31, Número 1, p. 25-49, Janeiro/Abril, 2016.

JUMPER, Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew. **Primórdios reformados nos Estados Unidos**. 2021. Disponível em: <https://cpaj.mackenzie.br/historia-da-igreja/movimento-reformado-calvinismo/historia-do-movimento-reformado/primordios-reformados-nos-estados-unidos/>. Acesso em: 19 de dezembro de 2020.

LENIN, Vladimir Ilich Ulianov. **Imperialismo: fase superior do capitalismo**. *Germinal: Marxismo e Educação em Debate*, Salvador, v. 4, n. 1, p. 144-224, mai. 2013. ISSN 2175-5604. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/9412/6850>. Acesso em: 21 Jan. 2021.

MASSUELA, Amanda; WEIS, Bruno. **O tradutor do pensamento mágico**. 2019. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/ailton-krenak-entrevista/>. Acesso em: 17 ago. 2021.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

MITCHELL, W J. T. “O que as imagens realmente querem?” In: Emmanuel Alloa (Org.) *Pensar a imagem*. São Paulo: Autêntica, 2015. Pp.191-204.

MOURA, Clóvis. **Escravidão, colonialismo, imperialismo e racismo**. *Afro-Ásia*, [S.L.], n. 14, p. 124-137, 19 jan. 1983. Universidade Federal da Bahia. <http://dx.doi.org/10.9771/aa.v0i14.20824>.

MUDIMBE, Valentin-Yves. **A Invenção da África: gnose, filosofia e a ordem do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 2019.

SEEGER, A.; DA MATTA, R. e VIVEIROS DE CASTRO, E. **“A construção da Pessoa nas sociedades indígenas brasileiras”**. *Boletim do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, Museu Nacional, n. 32, maio 1979, pp.2-19.

SILVA, Luiz Etevaldo da. **SOCIEDADE, POLÍTICA E CULTURA EM GRAMSCI**. *Theoria: Revista Eletrônica de Filosofia*, Pouso Alegre, v. 3, p. 97-104, 2010. Disponível em: https://www.theoria.com.br/edicao0310/sociedade_politica_e_cultura_em_gramsci.pdf. Acesso em: 28 de julho de 2021.

TARDELLI, Gabriel. **O Poder Colonial em Ação: Contribuições de Max Gluckman e Georges Balandier para o Estudo do Colonialismo**.

ACENO - REVISTA DE ANTROPOLOGIA DO CENTRO-OESTE, v. 6, p. 265-280, 2019. TW19751. John Berger / Ways of Seeing, Episode 4 (1972). Youtube, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5jTUebm73IY&>. Acesso em 27 de maio de 2021.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras. 2004.



WILLIAMS, Raymond. Publicidade: o sistema mágico. In: Cultura e materialismo. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

8 Filmografia

WAYSOF SEEING. Direção de Mike Dubb. Roteiro: John Berger.
Música: Peter Middleton. Grã-Bretanha: BBC, 1972. (120 min.), son., color.